

# Northwood

**Anderson S. Freixo**

*«Há em cada empresa, afeição ou idade um ciclo inteiro da vida humana.»*

*– Machado de Assis*

Ninguém sabe exatamente quando o inverno vai chegar em Northwood. Sabe-se apenas como ele chega, e quando já é inverno. A estrada em espiral que leva até topo da colina vai sendo envolvida por uma neblina tão opaca que parece que o mundo inteiro ficou branco. De repente, é impossível ver o céu, ou discernir o que é céu do que está a cinco palmos acima de nossa cabeça. Não há mais sol, nem estrelas, nem lua. O inverno de Northwood parece um eterno lusco-fusco.

Eu tinha treze anos quando vi a cidade pela primeira vez. Havia fugido de casa e andei durante muitos quilômetros até alcançar a pequena estradinha ao pé da colina e ainda caminhei durante muito tempo até chegar ao topo. Até hoje não sei porque subi, com que forças subi, e nem durante quanto tempo caminhei. Não consigo me lembrar o que se passava pela minha cabeça enquanto andava obstinadamente rumo ao que parecia ser lugar nenhum, de forma que hoje suspeito ter sido vítima de algum tipo de hipnose; um canto de sereia emanado da própria cidade, que me atraiu até ela. O mesmo canto que teria atraído os primeiros colonizadores e impedido que seus moradores deixassem aquele ambiente hostil, rumo a um lugar mais propício à vida.

Ainda não era inverno quando alcancei Northwood e fiquei perambulando a esmo pelas ruas, mas no dia seguinte, o inverno já havia chegado. Aquele inverno durou quatro anos. Teria certamente congelado até a morte no frio negativo sem sequer perceber, se Rachel não tivesse me tirado do transe no qual eu me encontrava. Eu fitava a fontezinha de pedra que se encontrava no meio da cidade. Diferente das fontes que eu já havia visto até então, em seu centro não havia nenhum pequeno querubim ou alguma imagem mitológica, mas sim um vulto sem forma, muito parecido com um grande

boneco de vodu, que também não praticava nenhuma ação ativa e celestial. Encontrava-se sentado com as pernas dobradas, envolvidas pelos braços, como se descansando de uma longa caminhada. À sua volta, a água não poderia ser bebida, pois estava congelada.

Rachel era uma senhora muito gorda, e meu pequeno corpo estremeceu com o calor de sua mão enluvada, quando esta tocou meu pescoço nu. E ela disse, como se cantarolasse um fado, que se eu continuasse ali, iria ficar mais duro que a estátua da fonte. Sua outra mão segurava a de um menino menor que eu, Robin, que mais tarde pude constatar ser bastante magro, mas que agora, de tão agasalhado, adquiria contornos bastante arredondados.

Com a iluminação lúgubre em volta daquela mesa de fantasmas pálidos, me enchi de vida com uma sopa de raízes. De fato, todos foram ganhando cor à medida que tomavam a sopa quente. Edgard, marido de Rachel, ganhava ainda mais cores no nariz e nas bochechas devido ao caneco de vinho de mel que tomava. Ainda havia Lola, uma menina soturna de quinze anos, com olhos de quem está sempre pensando na morte; na sua ou na dos outros.

E eu adorei aquele lugar em que não precisava valorizar o silêncio, pois era constante. E amei o frio por proporcionar o calor da sopa, do hálito alheio, e dos eventuais toques que minha pele dava na dos outros de forma involuntariamente proposital. Mas amava tudo isso de forma muito enevoada; pouco consciente.

Durante o inverno, grupos de vizinhos organizavam pequenas festas todo o fim de semana no porão de alguém. Os mais velhos sentavam-se em mesas redondas e jogavam baralho. As mulheres preparavam comida em fornos de pedra, que aqueciam todo o ambiente, e os mais novos brincavam e conversavam. Apesar do ambiente fechado e da quantidade de gente, o burburinho nunca era alto. Na verdade, uma pessoa de qualquer outra parte do mundo que entrasse em um daqueles porões, imaginaria que ali estava sendo planejada uma revolução às escondidas, e não que era uma confraternização entre vizinhos.

O tio Edgard sempre me dava um gole de vinho de mel no início de cada festa. Já no primeiro gole que ele me deu, compreendi o porque de ele passar o dia inteiro com um caneco na mão. Primeiro um calor que incendeiava todo o peito, depois

um completo desinteresse por tudo a nossa volta, e, em seguida, as coisas parecem se mover e aí tudo fica engraçado. Quando ele já estava bêbado, me dava mais e mais goles de hidromel sob advertências da tia Rachel, e eu sempre acordava no dia seguinte sem saber como havia ido dormir, com uma terrível sede e dores de cabeça.

Certa vez, eu e Lola bebemos muitos goles de vinho de seu pai e decidimos ir para um canto escondido e deitamos abraçados um com o outro. Eu sentia o ar quente de sua respiração no meu rosto, e ela sentia o meu. Enquanto nos mantínhamos ali parados, fomos ficando cada vez mais aquecidos até que adormecemos. Acordei com tia Rachel nos sacudindo com pé dizendo que era hora de ir para casa. Não conseguia compreender sua indiferença, já que, na minha cabeça, o que Lola e eu havíamos feito era o que os adultos chamavam de sexo, e isso era errado.

A cada almoço em volta da mesa em que os fantasmas viravam gente, em meio a diálogos esparsos, eu ia me sentindo mais e mais forte. Sentia que um dia todos ficaríamos irreversivelmente mudos. Eu não queria dar um sentido para as coisas; o próprio frio não me dava estímulo para fazer nada além de pensar em coisas aleatórias e eu me sentia embrutecer enquanto desenvolvia uma indiferença em relação a todo o redor. Imaginava que era esse sentimento que fazia crescer barba nos homens, pois os homens de barba eram sempre assim mais sisudos. E todo dia de manhã, ao acordar, eu me pegava alisando as bochechas para verificar se a minha já não estaria crescendo. Até que um dia, sentado no banquete acidental de uma árvore cortada, observando Edgard atacar um pinheiro com o machado, perguntei a ele quando minha barba iria crescer. Depois de um meio sorriso, ele me disse que quando minha barba crescesse eu teria que ajudá-lo a cortar lenha. Torci para que a barba jamais surgisse em meu rosto.

Noutro dia, confundindo meu ensimesmamento com tédio, tia Rachel me trouxe uns livros do vizinho. Sempre achei livros coisas mágicas, principalmente aqueles de capa dura, de couro, que repousavam sempre nas estantes das pessoas importantes. Pus-me a ler o que peguei primeiro e achei um absurdo que uma pessoa realmente pudesse sentir tanta coisa. Estava acostumado a esses sentimentos de uma palavra só e achei inverossímil aqueles grandes parágrafos em que o protagonista delirava de forma compulsiva em meio a reflexões confusas, mas li. Tia Rachel talvez estivesse certa, eu

deveria estar entediado, pois acabei lendo todos os quatro romances em pouco tempo.

Acho que eu era novo demais para compreender a passagem do tempo, e como os dias em Northwood pareciam apenas horas de uma tarde sem fim, me assustei quando disseram que eu já tinha catorze anos. E o ralo bigode que surgia em minha face já foi argumento o suficiente para que eu tivesse que ajudar o tio Edgard a cortar lenha. Pelo menos não fui obrigado a cortar os troncos de pinheiro com machado. Apenas cortava os galhos mais finos das árvores caídas com uma machadinha e empilhava tudo num canto. No final das contas, acabou sendo uma experiência saborosa ver aqueles galhos cortados por mim servindo para aquecer a lareira, me fazendo experimentar pela primeira vez a sensação de ser útil.

Eu finalmente fiquei calado o suficiente para que minha barba toda crescesse. Antes disso, Lola já passava por um processo semelhante, apesar de inverso. Tagarelava tanto que seus seios e seu traseiro foram ficando cada vez maiores. Quando ela chegou aos dezoito anos, durante boa parte do dia, eu só queria que ela ficasse quieta. Felizmente, ela passou a ficar cada vez menos dentro de casa. Saía, depois voltava horas mais tarde, tonta de vinho, e logo adormecia. Rachel e Edgard pareciam um pouco contrariados com o comportamento de Lola, mas nada diziam, pelo menos não algo que eu pudesse ouvir.

Percebi que algo estava errado quando, certo dia, com um cesto de lenha nas costas, pus-me a assobiar sem saber o motivo. Tentando compreender o fenômeno, me recordei que o tio Edgard, que vinha mais à frente, havia cantarolado aquela mesma melodia alguns instantes antes, e que meu cérebro havia captado a música enquanto eu estava distraído e agora tentava reproduzi-la.

Mais tarde, na hora do almoço, os fantasmas não estavam mais com tanta cara de fantasma e depois de três goles de sopa, tirei minha jaqueta de lã sem nem perceber o gesto. E então numa manhã, ao sair na rua, além de notar a presença de mais pessoas que o normal, percebi também que jorrava água novamente pela fonte, e que o lusco-fusco dera lugar a uma luz mais evidente. E eu fui tirando meus agasalhos até ficar apenas com um. Quando voltei até minha casa, tia Rachel disse que agora eu podia ir embora. Foi aí que eu lembrei que não havia estado desde sempre ali naquele lugar.

Me despedi da tia Rachel, do pequeno Robin (que a essa altura já não era mais tão pequeno) e de Lola na frente da casa. Quando Lola me deu um abraço de despedida, percebi que seu cheiro estava muito diferente do que era naquele dia em que imaginei que havíamos feito sexo bêbados de vinho, e deu vontade de cheirá-la mais. Mas o tio Edgard segurou o meu ombro e disse que era hora de ir. Ele me acompanhou até a entrada da cidade e me garantiu que eu ainda iria voltar.

Enquanto descia a estrada rumo ao meu primeiro lar, não pude deixar de sorrir e de assobiar a melodia do tio Edgard. Pensava que, lá em baixo, onde nunca há um inverno rigoroso, muita gente devia estar preocupada comigo; alguns até achando que eu morri. Outros talvez tivessem se esquecido de mim, apenas. Fosse como fosse, agora eu falava pouco, tinha barba e havia me acostumado com o frio. De tão seguro, me permiti ir bastante devagar.

---

**Anderson S. Freixo**, carioca de 25 anos, reside atualmente em Salvador, onde estuda Letras. Já teve contos publicados pelas revistas *Outros Ares*, *mallarmargens* e *Samizdat*. Atualmente publica seus textos no blog [zonadofreixo.blogspot.com](http://zonadofreixo.blogspot.com).